

Não há consenso sobre os critérios curriculares mínimos em matéria científica para atingir o título de especialista. Numa reunião da UEMS em que participei, há anos, à proposta de exigir que os candidatos ao título de especialista europeu fossem autores de dois trabalhos reagiram os delegados da Suécia e da Alemanha porque, no seu dizer, isso excluiria a generalidade dos seus respectivos especialistas. Nessa altura fiquei a saber que a situação dos pneumologistas portugueses era equivalente à europeia; a formação era sobretudo profissional, de boa qualidade. Apesar disso, ninguém tem dúvida de que a aprendizagem adquirida no processo de investigação é fundamental para produzir um profissional de qualidade superior.

Em Portugal, o volume e a qualidade da investigação biomédica, avaliadas pelo número de artigos publicados em revistas internacionais com coeficiente de impacto, têm aumentado muito. A investigação é, talvez, o sector da vida portuguesa que obteve maior desenvolvimento, aproximando Portugal da produção científica da Irlanda e, em termos de artigos por milhão de habitantes, da própria Espanha, em contraste com o que sucedia há 10 anos. Curiosamente, a produção científica a norte não sofre das assimetrias que caracterizam a região em muitos outros domínios. Pelo menos em investigação não é inferior o que se faz nesta zona do país.

Quem faz essa investigação? Nas Faculdades de Medicina, institutos e laboratórios associados, o número de investigadores não médicos tem vindo a crescer há muito; em consequência, a investigação básica tende a dominar completamente o panorama. A perspectiva optimista, afinal, não é tão verdadeira quando olhamos para dentro das especialidades médicas, havendo nuvens ainda mais sombrias com o aparecimento dos hospitais EPE. Os congressos nacionais e regionais não parecem ser o estímulo adequado à produção científica dos médicos. Nesta 15.<sup>a</sup> edição do Congresso de Pneumologia do Norte recebemos 35 resumos, sendo na sua maioria casos clínicos. Os temas do programa formal foram pensados inicialmente para questionar aspectos polémicos da prática médica e não aspectos científicos. Foi com essa consciência que acrescentamos três conferências da área científica: Convidamos o Prof. Robalo Cordeiro a reflectir sobre a formação de especialistas em tempos de EPE(s), introduzimos uma conferência de reflexão sobre Medicina Baseada na Evidência para sublinhar a grande importância que tem tido esta corrente para a fundamentação científica da prática médica, a par dos sofismas e sobretudo do aproveitamento vicioso que propiciou, e convidámos uma investigadora de grande prestígio, a Prof.<sup>a</sup> Deolinda Lima, presidente do Conselho Científico da Faculdade de Medicina do Porto, a apresentar um retrato da situação da investigação biomédica nas suas componentes básica, de translação e clínica, com ênfase para o que se faz na região e se encontra ao alcance de todos.

Pretendemos deixar aos colegas jovens um desafio: há hoje legislação que permite fazer o doutoramento em Medicina a par do internato de especialidade. Basta querer e encontrar apoio na Faculdade mais próxima que não existe para outra coisa.

**J. Agostinho Marques**  
Director da Faculdade de Medicina do Porto